

Mulheres se casam mais tarde, diz ONU

Pesquisa das Nações Unidas revela que o casamento de brasileiras ocorre entre 22 e 25 anos

LINA DE ALBUQUERQUE

É cada vez menor o número de mulheres que se casam entre os 15 e 19 anos nos chamados países desenvolvidos. Embora o Brasil tenha registrado um aumento em torno de 4% de adolescentes casadas entre as décadas de 70 a 80, o caso brasileiro acompanha uma tendência mundial: o primeiro casamento ocorre por volta dos 22 a 25 anos. As brasileiras se casam mais cedo do que as europeias e mais tarde do que as africanas. A conclusão pode ser feita a partir da leitura da pesquisa **Modelos do Primeiro Casamento** (Patterns of first marriage), realizada pelo departamento de informações da Organização das Nações Unidas (ONU). O levantamento da ONU considerou como casamento três tipos de uniões: as legais, as consensuais e as denominadas "de visita". As primeiras ocorrem conforme as regras e leis de determinada sociedade. As segundas são aquelas que mantêm a convivência diária, embora não sejam sustentadas por vínculos formais. As relações "de visita" (consensual visiting), bastante frequentes no Caribe, se caracterizam pela op-

ção do casal em viver em espaços diferentes. Segundo a pesquisa, a África é o continente do mundo onde as mulheres se casam mais cedo. Na década de 70, cerca de 50% das africanas se casavam entre os 15 e 19 anos. Para se ter uma idéia, esse índice atingiu a casa de 65%, na Etiópia, em 1985. Na Ásia, as mulheres também se casam relativamente cedo, entre os 18 e 21 anos. O Japão, porém, se constitui uma exceção: apenas 2% das japonesas nessa faixa etária estavam casadas na década de 80. O relatório da ONU demonstra que a idade média para se casar no Japão é de 29 anos para homens e 26 para mulheres. Nos países do primeiro mundo, é menor a diferença de idade entre homem e mulher no primeiro casamento. Na Suécia, por exemplo, essa diferença não existe. O estudo indicou também uma queda mundial acentuada no tempo de permanência do primeiro casamento. Os rompimentos se fazem mais presentes na América do Norte, Europa e União Soviética. Na Ásia e África, as ligações matrimoniais costumam ser mais duradouras. "Existem vários fatores que estão influenciando a mulher a se casar mais tarde", nota o demógrafo Antônio Marangoni, pesquisador da Divisão de Estudos Populacionais da Fundação Seade.

"Essa escolha tem ligação direta com o aumento do grau de instrução e com o ingresso da mulher no mercado de trabalho". Segundo a demógrafa Elza Berquó, pesquisadora do Cebrap e diretora do Núcleo de População da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), essa tendência está sendo acompanhada por uma diminuição da taxa de fecundidade e por um crescimento do número de separações. "No século 20, a Europa Ocidental exibiu um padrão de nupcialidade caracterizado pelo casamento tardio", afirma Elza Berquó. "As mulheres se casavam em torno de 27 anos e cerca de 20% delas permaneciam solteiras." De acordo com a demógrafa, a Segunda Guerra alterou esse quadro. Depois de 1945, começou a existir uma política favorável ao casamento. As mulheres começaram a se casar aos 23 anos e a fecundidade também cresceu. A chegada da pílula anticoncepcional, em 1965, ajudou a mudar novamente a situação. A fecundidade diminuiu e as mulheres voltaram a se casar mais tarde. A bancária Roseli de Oliveira, casou-se aos 17 anos e hoje tem uma filha, Gisele, de seis. "Foi uma opção prematura porque eu estava grávida", confessa ela, aos 23 anos. "Se pudesse só me casaria com a idade que tenho hoje."



Roseli, 23 anos, e a filha Gisele, 6: "se pudesse, me casaria só com a idade que tenho hoje"

Casamento de 'papel passado' é convenção cada vez menos usada

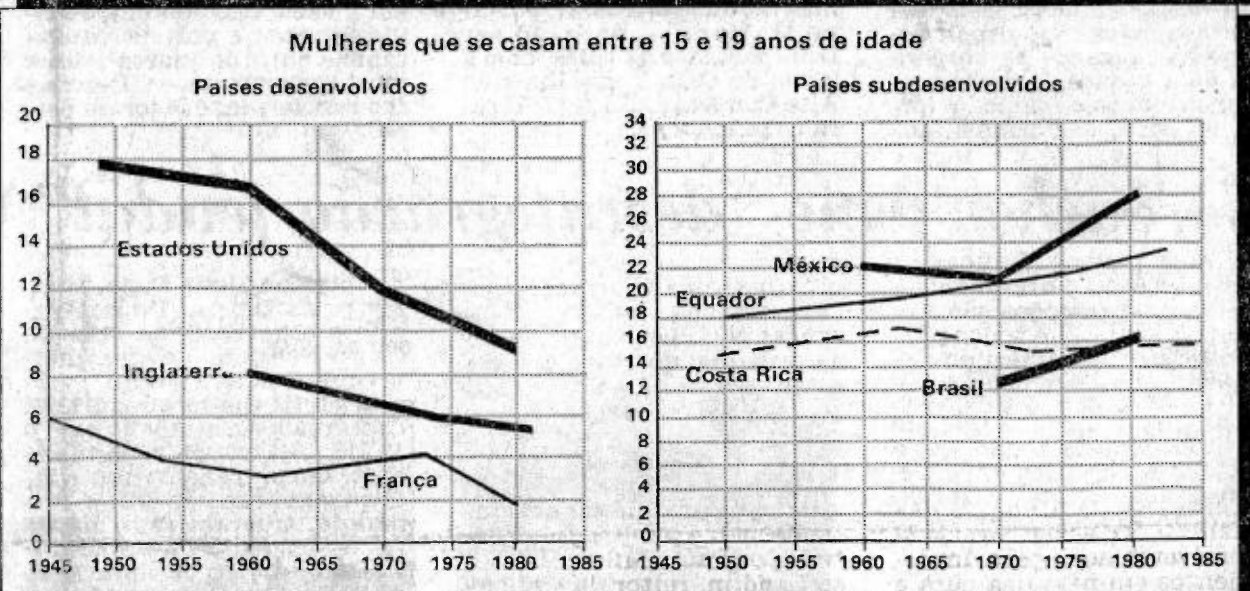
No ano passado, o casamento civil, a velha instituição do "papel passado", completou 100 anos de existência no Brasil em clima do mais completo desconsolo. Instituído em forma de decreto no governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca, o matrimônio formal vem sendo atropelado nas últimas décadas pelas chamadas uniões consensuais, as ligações sem vínculos legais, e pelo significativo aumento das separações. Depois de ter enfrentado e vencido uma dura batalha no Congresso, no final da década de 70, quando foi instituído no País, o divórcio ganhou um novo alento há dois anos: uma emenda à legislação permite a uma pessoa se divorciar quantas vezes ela bem entender. Segundo as estimativas da Comissão Executiva da OAB-Mulher, os casamentos informais são atualmente predominantes, sendo responsáveis por 52% das uniões brasileiras. Ao considerar o concubi-

nato como uma forma de organização familiar e excluir do seu texto as expressões "filho adulterino" e "filho incestuoso", a Constituição de 1988 ajudou a lançar por terra antigos preconceitos. Aos poucos, a palavra "casamento" substituiu termos que no passado podiam denotar um certo conteúdo pejorativo — como amigação, mancebia, e a própria palavra concubinato. Na opinião do advogado Alvaro Villaza Azevedo, autor do livro *Do concubinato ao casamento de fato*, "a dignidade de uma família não pode depender de um registro civil". Azevedo defende a idéia de que o divórcio deveria ser gratuito e prontamente realizado na hora que os casais decidissem se separar. Hoje, um casal pode se divorciar um ano depois da separação judicial, o antigo desquite. No estudo *A Família no Século 21*, publicado no ano passado na Revista Brasileira de Estudos da População, a demógrafa Elza Berquó chama a aten-

ção para o crescimento do divórcio nas últimas décadas. De acordo com os dados desse levantamento, somente uma em cada 10 mil pessoas se divorciava em 1960. Em 1970, esse índice praticamente dobrou. Em 1980 e 1985, subiu para seis e treze, respectivamente. Ao mesmo tempo que o casamento civil cai em desuso, as famílias encolhem a cada dia. O último levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgado em novembro pelo IBGE, indicou uma tendência do crescimento das famílias com um ou dois filhos e a diminuição daquelas com quatro ou cinco crianças. O casal de publicitários Júlio Rodrigues e Vera Azevedo, ambos com 33 anos, está em sintonia com essa tendência. Moram juntos há três anos e têm uma filha de dois. "Dispensamos o 'papel passado'", diz Vera. "E não planejamos ter mais nenhuma criança".

Matrimônio e desenvolvimento

O número de mulheres que se casam muito jovens tende a diminuir nos países desenvolvidos e aumentar ou se manter estável nos países subdesenvolvidos. Um estudo da ONU mostra alguns exemplos. (em %)



Fonte: Patterns of Marriage - Timing and Prevalence; Organização das Nações Unidas, Nova York, 1990.

Marcia Zoet/AB

GERSON MORA/ArteEstado